

O EMPODERAMENTO NA TERCEIRA IDADE POR MEIO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Solange Goretti Moreira Pizzatto – solange.pizzatto@unioeste.br

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-7806-4221>

Renan Paulo Bini – renanpaulobini@hotmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil; Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG), Cascavel, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-9076-6864>

Higor Miranda Cavalcante – contato.hmc@live.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil; Instituto Federal do Paraná (IFPR), Cascavel, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-6991-9830>

Ana Maria Martins Alves Vasconcelos – amavasco@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-2788-1023>

RESUMO: A pesquisa considera que a confluência entre tecnologia, educação e Língua Inglesa pode garantir empoderamento da terceira idade de forma mais democrática e rápida, isso considerando as vantagens das quebras de barreiras de tempo e espaço inerentes à modalidade EaD. Parte-se da seguinte problemática: como o ensino de Língua Inglesa na modalidade EaD pode contribuir para o empoderamento na terceira idade? Para responder à pergunta, essa proposição utiliza como estratégias metodológicas, na primeira parte, o método pesquisa bibliográfica, com o intuito de refletir sobre como a Língua Inglesa na modalidade EaD é importante para o empoderamento da terceira idade. A partir das contribuições teóricas, na segunda etapa, aplica-se um questionário *online* a um grupo de dez idosos participantes de cursos de Extensão em Línguas Estrangeiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Eles aceitaram responder voluntariamente ao questionário para verificar se há interesse ou resistência da população idosa em aprender uma língua estrangeira por meio dessa modalidade de aprendizagem. Os critérios utilizados foram: os idosos precisariam ter certo domínio da tecnologia digital e conta em algum tipo de rede social. Apresentam-se os resultados do questionário a fim de se refletir como o grupo vê a modalidade EaD como ferramenta de aprendizagem de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância; Terceira idade; Empoderamento.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se justifica na medida em que se observa como as tecnologias influenciam nas transformações culturais e sociais pós-modernas. Destaca-se o papel da Língua Inglesa na atualidade em todas as esferas e, ao mesmo tempo, a importância do conhecimento do idioma,

mesmo que mínimo, para que as pessoas possam ser integradas, ter acesso ao conhecimento dinâmico e, assim, contribuir para interligar ideias.

Nessa mesma perspectiva, observa-se uma grande parcela da sociedade que não domina o idioma e que, por conta disso, acaba sendo privada de acesso a bens culturais e tecnológicos. Conforme consta da reportagem da Exame *online*, publicada no dia 28 de agosto de 2018, 95% da população brasileira não fala inglês, e apenas 1% é fluente no idioma. Ainda, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a população idosa no Brasil equivale a 13,5% do total da população, com previsão de aumento de cerca de 4% até 2027, atingindo, em 2042, a marca de 24,5% do total da população brasileira. Assim, considerando a notável a democratização dos meios tecnológicos nos últimos anos, entende-se que a confluência entre tecnologia, educação e língua inglesa pode garantir empoderamento da terceira idade de forma mais democrática e rápida, isso levando em consideração as vantagens das quebras de barreiras e espaço inerentes da modalidade a distância, doravante EaD.

Veras, Ramos e Calache (1987, s.p.), ainda no final da década de 1980, apontaram que o Brasil pode ser visto como “uma sociedade predominantemente urbana que experimenta nessas áreas um intenso processo de envelhecimento populacional”. No cenário atualizado, nos últimos 10 anos, o Brasil ganhou 8,5 milhões de cidadãos acima dos 60 anos (TERRA, 2017). Observando-se esse aumento populacional da parcela idosa da sociedade, os autores apontam que se torna necessário que os demais grupos sociais “encontrem os caminhos que levem à equidade na distribuição dos serviços e facilidades para com este grupo populacional” (1987, s.p.). Tendo como base essa premissa e entendendo a importância da democratização do conhecimento na sociedade contemporânea, nota-se que pesquisas também podem ser realizadas visando tecer estratégias de estabelecer essa equidade apontada pelos pesquisadores acima também no contexto educacional.

Tendo em vista o ensino e a aprendizagem de línguas, seja uma Língua Estrangeira (doravante LE), seja a Língua Materna (doravante LM), deve-se considerar, segundo Moraes (2016, s.p.), que “Língua (não só a portuguesa) não se resume a um conjunto de normas de padronização (embora tais normas tenham funções importantes em termos de unidade e historicidade)”. Assim, entende-se que a aprendizagem ou o aprofundamento dos conhecimentos de uma determinada língua também envolve a reflexão de aspectos culturais, sociais e ideológicos que influenciam àquela Língua.

A partir dessas considerações, várias hipóteses podem ser levantadas. Citam-se duas: 1) a modalidade EaD é vantajosa à população idosa na medida em que possibilita que uma parcela significativa de pessoas possa estudar em casa, não exigindo uma determinada locomoção destas

peçoas a um polo específico de aprendizagem com frequência; 2) O ensino de Língua Estrangeira pode empoderar aqueles que têm acesso a esse conhecimento, isto é, ao conhecimento de uma nova língua estrangeira.

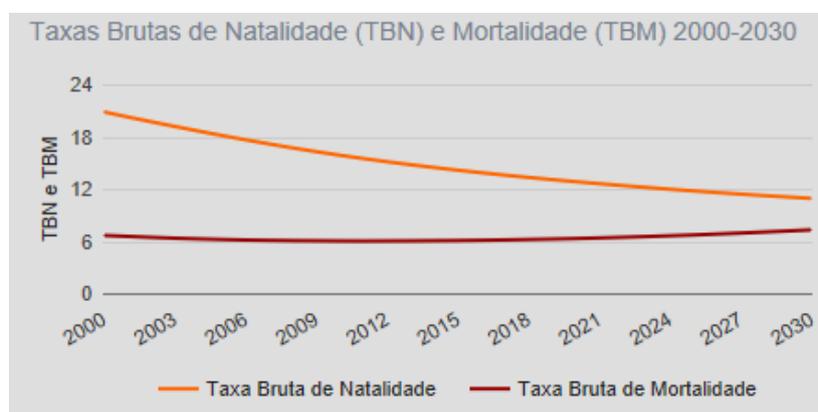
Nessa perspectiva, considerando-se a necessidade de se limitar um objeto de pesquisa, apresenta-se a seguinte problemática: como o ensino de língua inglesa na modalidade EaD pode contribuir para o empoderamento na terceira idade?

Objetiva-se, neste artigo, analisar a importância do ensino de Língua Inglesa na modalidade EaD para o empoderamento da terceira idade. Para tal, pretende-se analisar em que medida existe preconceito em relação à educação na terceira idade a partir da modalidade EaD, desenvolvendo pesquisa bibliográfica e documental sobre educação a distância e terceira idade, com o intuito de refletir sobre como a LE na modalidade EaD é importante para o empoderamento da terceira idade. A partir das contribuições teóricas, aplicou-se um questionário *online* a um grupo de idosos das cidades de Cascavel e Palotina, no Paraná, que será analisado na seção 4. Em relação às pesquisas que contribuirão para o desenvolvimento deste trabalho, destaca-se que serão tecidas a partir do referencial teórico apresentado a seguir.

2 A VELHICE E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Conforme discutido no capítulo introdutório, observa-se o crescimento da parcela populacional idosa no Brasil. Pode-se considerar que este crescimento é resultado não apenas de avanços científicos em áreas como a medicina geriátrica e no desenvolvimento de medicamentos, que garantem o aumento da expectativa de vida, mas principalmente na diminuição da taxa de natalidade, conforme é possível verificar no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Taxas Brutas de Natalidade no Brasil



Fonte: IBGE (2018)

Segundo Berquó e Cavenaghi (2006), no Brasil, a diminuição na taxa de natalidade ocorre devido à ampliação ao acesso da população a informações e serviços de saúde reprodutiva. A partir disso, observa-se uma redução no número de filhos por casal e, conseqüentemente, há o aumento da parcela idosa da população. Nessa perspectiva, passa-se a considerar, neste estudo, formas de se garantir qualidade de vida à essa parcela populacional que se torna maior. De acordo com Alencar (2013), o envelhecimento é um processo que

Ocorre no contexto de múltiplas inter-relações – físicas, químicas e biológicas, de um lado, e, de outro, variáveis de caráter psíquico, cultural e social. Ainda que ocorram repetidamente em cada ser humano, e imprimam ao envelhecimento um caráter normal, porque inerente à vida, não se trata de processo mecânica, mas dinâmico, ativo, variável, de modo a caracterizar-se como particular a cada um (ALENCAR, 2013, p. 45).

Assim, para o autor, embora não exista ainda uma base fisiológica, psicológica, social ou cronológica que defina o início do processo de envelhecimento; segundo o pesquisador, o processo é marcado pela “gradual diminuição das capacidades de adaptação ao meio e às intempéries e aos contratempos da vida” (ALENCAR, 2013, p. 45). Considerando tal aspecto, o autor aponta que cada sociedade define as etapas etárias de vida, “portanto, ser socialmente velho significa ser reconhecido como tal pela sociedade onde se insere. Esse marco de reconhecimento, na realidade brasileira, está na idade de 60-65 anos e na jubilação do trabalho” (ALENCAR, 2013, p. 45).

Ainda, Alencar escreve que o envelhecimento é individual, heterogêneo e irreversível e pode ocasionar o declínio da integridade funcional de um ou mais órgãos, podendo deixar a pessoa idosa frágil e vulnerável, retirando dela possibilidades de autonomia e independência. Apesar de ser irreversível, pode ter suas conseqüências reduzidas e a partir do envelhecimento ativo.

De acordo com Castro (2016), o envelhecimento ativo pode ser considerado um processo de otimização de oportunidades de saúde, participação e seguridade para melhorar a qualidade de vida. Nessa perspectiva, o autor aponta a necessidade de geração de maiores níveis de participação das pessoas idosas em atividades que propiciem que estas pessoas tenham uma melhor qualidade de vida.

Para Alencar (2013), o problema na velhice está na forma em que os próprios idosos se veem isso porque o idoso se vê e é visto pela sociedade a partir dos projetos que realizou ou que abandonou: “sem reconhecer o valor da existência e os aspectos da condição humana, não é possível compreender a velhice, em especial quando ela perde o poder de reivindicação e o poder de exigir o cumprimento daquilo que é de direito: respeito, dignidade e cidadania” (ALENCAR, 2013, p. 51).

De acordo com o autor, a qualidade de vida na terceira idade é fomentada, entre outros aspectos, com moradias adequadas, água encanada, esgoto, coleta de lixo e acessibilidade; transporte urbano eficiente e acessível (no que tange a degraus e à acomodação interna); escolarização (chances de retorno à sala de aula); pavimentação adequada nas ruas; existência de espaços urbanos sensíveis às sociabilidades desta parcela da população; existência de equipamentos urbanos comunitários (como academias de exercícios físicos gratuitas); e possibilidade de trabalho. Na seção a seguir, discutiremos, especificamente, sobre a importância do acesso à educação durante a velhice.

2.1 EMPODERAMENTO NA VELHICE POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Segundo Castro (2016), a sociedade atual se encontra diante da necessidade de gerar maiores níveis de participação das pessoas idosas, dando a elas a mesma condição para poderem atravessar esta etapa da vida com mais garantias de conseguirem uma alta qualidade de vida.

Para que isso seja alcançado de fato, destaca-se a necessidade de as pessoas idosas terem o mesmo acesso que o restante da população, não apenas considerando os bens culturais e os serviços de saúde, segurança, lazer, etc., mas também o acesso ao conhecimento formal e informal. Assim, aponta-se o estudo de Oliveira, Scortegagna e Oliveira:

A educação tem um caráter permanente, é uma prática política e persiste em todos os lugares nos quais o homem vive, não sendo responsabilidade apenas de uma instituição, a escola. Numa relação mais abrangente, media o homem na própria constituição de se tornar humano, no cotidiano, nas relações que ele estabelece, na família e na sociedade. (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2016, p. 13).

Ainda, segundo esses pesquisadores, a educação que visa construir a cidadania e a criticidade varia nas diferentes etapas da vida humana. Neste artigo, focamos, especialmente, na velhice, etapa da vida daqueles que atingiram a longevidade. Sobre a educação voltada à terceira idade na sociedade contemporânea, destacam que

Na sociedade capitalista, a educação para os idosos foi negada por muitos anos, baseada na ideia de incapacidade do idoso para aprendizagem, reforçada por uma visão estereotipada e pessimista da velhice, ligada à incapacidade, improdutividade, doença e desatualização. A dificuldade de acesso à educação também é sustentada pelo argumento de que, economicamente, não compensa investimento educacional nessa faixa etária. No Brasil, entre os estudiosos sobre o tema, é consensual a necessidade de uma mudança cultural na sociedade no que tange ao idoso e à velhice. Mas, para isso, é importante uma educação para o envelhecimento na qual seja reconhecida a relevância do idoso como ator social

e seja prevista uma educação para o envelhecimento com perspectivas mais otimistas (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2016, p. 14)

O Estatuto do Idoso, Lei 10.741/03, no Capítulo 5, nos artigos 20 a 25, regulamenta que os idosos têm direito à educação, respeitando as peculiaridades desta fase da vida. A Lei prevê que cabe ao poder público criar oportunidades de acesso à educação a esta parcela da população, com o intuito de que essas pessoas se integrem à vida moderna (BRASIL, 2003).

A partir das considerações tecidas acima, passamos a refletir sobre a importância, especificamente, do ensino de língua. Conforme será discutido no tópico a seguir, a língua é atravessada também pela ideologia, cultura e relações de poder de seus usuários. Além disso, nota-se que o contexto contemporâneo é cada vez mais híbrido¹ e tecnológico. Ou seja, diferentes línguas, principalmente a língua inglesa, passam a coabitar em nosso contexto diário.

Nessa perspectiva, pensando na formação crítica e cidadã dos idosos, esta proposição passa a refletir, nos próximos capítulos, também sobre a importância de os meios de educação formais e informais passarem a se preocupar também com o ensino de LE.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA E O ENSINO DE LÍNGUA

Segundo Marcuschi (2005, p. 49), “nossa condição humana é inegavelmente paradoxal. Ao tentarmos conhecer mais sobre como e o que conhecemos, agimos como se quiséssemos, numa atitude münchauseniana, arrancarmo-nos do pântano da ignorância puxando-nos pelos cabelos”. Apesar de esse pensamento parecer paradoxal, uma vez que ninguém pode despir-se de sua condição cognitiva para tentar observar essa condição, vale a pena pensar sobre a questão, pois, de acordo com o pesquisador, somos animais amarrados em teias de significados que nós mesmos tecemos.

Inicialmente, segundo Soares, Lombardi e Salgado (2016, p. 213), precisamos destacar que, quando nos referimos à “língua”, estamos falando de línguas “como entidades políticas, que representam diferentes Estados governamentais – o que não quer dizer que existam apenas dentro de uma “fronteira” geográfica, as quais podem se dissolver num *continuum*, de forma gradual e imperceptível”. Ainda, para os pesquisadores, deve-se reconhecer a “fluidez e a dinamicidade com que recursos e fragmentos dessas línguas podem ser usados em diferentes meios ambientes por todo o mundo”.

¹ Aqui, destacamos os estudos de Canagarajah (2013) sobre o fenômeno da translinguagem.

De acordo com Moita-Lopes (2013), é necessário que os profissionais da educação compreendam a língua e sua importância a partir das situações comunicativas e não como um sistema engessado em que desvios em sua estrutura sintática, semântica, morfológica, fonético-fonológica ou lexical sejam compreendidos como erros.

Entendemos que a língua é reflexo da cultura e de outras convenções sociais e econômicas, sendo atravessada por crenças e atitudes ideológicas e por relações de poder. Lançando uma reflexão sociolinguística sobre nosso contexto social e geográfico, no município de Cascavel, por exemplo, tais relações fazem com que muitas escolas optem, em ensinar, como LE, exclusivamente o inglês, mesmo com o fato de o município estar relativamente próximo à tríplice fronteira com dois países que utilizam a Língua Espanhola.

Além disso, destaca-se que o município é constituído por uma parcela significativa de imigrantes italianos, alemães, ucranianos e mais recente uma parcela significativa de haitianos, e suas respectivas línguas também não atingem o mesmo *status* que a Língua Inglesa nessas escolas.

Considerando-se especificamente a Língua Inglesa, destaca-se que é notável a sua presença em nosso cotidiano, tanto considerando seu papel enquanto língua franca de comércio mundial, quanto considerando seu papel na tecnologia, cultura e comunicação global. Nessa perspectiva, citamos os estudos de Anjos (2016), que afirma que a Língua Inglesa deve ser ensinada de forma a empoderar aqueles que adquirirem a língua.

Aprender essa língua e dominá-la para engajar-se em discussões contemporâneas deixou de ser diferencial para ser necessidade profissional, acadêmica e social cotidiana; por ser uma língua global que localmente manifesta-se em diversas esferas sociais. Por isso que o engajamento nesse processo de aprender a língua inglesa precisa ser mediado por pedagogias que tomem a língua inglesa como uma língua franca global, mas sempre partindo de uma perspectiva local, em favor dos falantes de outras línguas, cujo número ultrapassa os nativos, considerando as idiosincrasias, as peculiaridades locais, para, assim, empoderar aprendizes no sentido de possibilitar reações contra práticas colonialistas e imperialistas. [...] Numa perspectiva política, a globalização, o colonialismo, a identidade do falante, o espaço onde vive, são elementos que precisam ser levados em consideração. E ensinar a língua inglesa hoje, sem atentar para esses fatores, significa ensinar conteúdos frágeis, desvinculados das realidades comunicativas dos aprendizes. Não se pode mais continuar cometendo o equívoco de lecionar a língua inglesa ignorando o seu peso sócio-histórico, desde o seu violento caráter colonizador até chegar ao status de língua franca global. Só assim, é possível alcançarmos outros tempos (ANJOS, 2016, p. 21-22).

Observando este fenômeno contemporâneo e cada vez mais frequente da integração da língua inglesa em nosso cotidiano; e considerando a importância da aprendizagem desta língua para o empoderamento de seus cidadãos, volta-se, novamente, o olhar sobre o nosso objeto de pesquisa:

a população idosa e suas possíveis limitações². Apontamos como uma possível solução para algumas das limitações dessa parcela da população, o estudo e contato frequente da língua por meio da modalidade EaD, seja de forma formal ou informal.

3 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DA MODALIDADE EAD

Segundo Dal Molin (2012), a tecnologia digital está cada vez mais presente em todas as ações humanas. Nessa perspectiva, a autora aponta que as potencialidades da tecnologia digital devem ser aproveitadas com o intuito de se construir um ambiente virtual de aprendizagem democratizado que possibilite que a aprendizagem seja de qualidade.

Em relação às particularidades do ambiente virtual, recorreremos aos estudos de Lévy (1999). De acordo com o autor, “por intermédio de mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos, pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo” (LÉVY, 1999, p.96). Assim, passa-se a considerar a modalidade EaD como um instrumento eficaz de possibilitar que pessoas adquiram conhecimentos em língua estrangeira, como a proposição aqui estudada.

Para isso, inicialmente recorreremos à definição da modalidade a partir da observação do Decreto nº 5.622, de 19-12-2005 (BRASIL, 2005, s.p.). Para o decreto, EaD é uma

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Considerando, especificamente, ao ensino de Língua Inglesa por meio da modalidade, destacamos o estudo de Motter e Catapan (2012, p. 318). Segundo as autoras, atualmente, “com a expansão da tecnologia digital em todos os segmentos da sociedade, a educação formal pode usufruir dessa possibilidade para promover a aproximação da aprendizagem de um idioma de maneira próxima à forma natural de seu desenvolvimento”. Além deste estudo das autoras, complementamos que a tecnologia também pode contribuir quando a aprendizagem também ocorre de forma informal.

Destaca-se que os benefícios da modalidade são diversos. A saber, citam-se os apontamentos de Vergara (2017):

Entre as possibilidades da EAD posso mencionar o fato de que permite ao aluno compatibilizar seu curso com suas possibilidades de tempo, realizá-lo no ritmo desejado e em qualquer local disponível, desenvolver independência,

² Reflexões teóricas sobre as especificidades desta população foram discutidas no capítulo 2.

comportamento proativo e autodisciplina na busca de seu desenvolvimento. Mas para tanto, é preciso que o aluno monitore a si próprio, para saber pedir ajuda quando necessitar. A EAD exige, portanto, autonomia responsável. Se, por um lado, a EAD depende da vontade do aluno de estudar, pesquisar e produzir de forma independente e disciplinada, por outro, fortalece, por meio de múltiplas atividades, a aprendizagem colaborativa, com a troca de informações entre alunos. Eis porque é pertinente a formação de turmas. Elas permitem uma construção coletiva que programas individuais comercializados não permitem. Devemos ter em mente que a aprendizagem é uma atividade socialmente construída. O indivíduo dá o "salto" pela reflexão, mas precisa da relação com autores diversos, colegas, professores, tutores, outras pessoas em geral. Há, ainda, a considerar que os ambientes multimídia interativos, pela possibilidade que oferecem do aluno ter acesso a informações digitalizadas de textos, sons, imagens e gráficos, permitem-lhe apreender o conhecimento de forma eficaz, porque um recurso pode complementar o outro na mensagem que pretende transmitir (VERGARA, 2017, s.p.).

Os benefícios apontados acima vão ao encontro do perfil da parcela populacional integrante do nosso objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, a modalidade EaD possibilita que os idosos, por exemplo, otimizem o tempo que possuem e sejam contemplados pela aprendizagem a partir de ambientes virtuais disponíveis na *web*.

Ainda, segundo a pesquisadora, assim como qualquer outra modalidade, também a EaD possui limitações. No caso da EaD, a autora aponta que a qualidade do equipamento utilizado para a aprendizagem pode influenciar consideravelmente a experiência do educando no processo. Também os conhecimentos do aluno em relação à tecnologia utilizada podem influenciar positivamente ou se tornarem um ruído à aprendizagem a depender das singularidades de cada um.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO, ANÁLISES E RESULTADOS

Em relação às estratégias metodológicas adotadas para o desenvolvimento desta proposição, apontamos que o estudo foi realizado em duas etapas. Inicialmente, foram consultadas obras, artigos científicos e outros trabalhos científicos sobre Educação na modalidade EaD, ensino de língua inglesa e especificidades da terceira idade. Isso, com o intuito de embasar teoricamente a pesquisa. Sobre estas teorias, destaca-se que se encontram descritas nos capítulos anteriores.

Após a constatação teórica de que a modalidade EaD pode se despontar como uma ótima alternativa para o ensino de LE; e da constatação de que a aprendizagem da Língua Inglesa pode garantir parte do empoderamento necessário à população idosa; buscou-se verificar, na prática, se há interesse ou resistência da população idosa em aprender uma língua estrangeira por meio da modalidade.

Para esta verificação, elaborou-se um questionário na plataforma *Online Pesquisas* (2018) com o intuito de se fazer uma sondagem da opinião da população idosa. O grupo selecionado para participar era composto por 10 idosos, com mais de 60 anos, sendo 6 homens e 4 mulheres, moradores da região de Cascavel (PR) e Palotina (PR) e participantes de cursos de Extensão em Línguas Estrangeiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), que aceitaram responder voluntariamente o questionário para verificar se há interesse ou resistência da população idosa em aprender uma língua estrangeira por meio da modalidade de ensino a distância. Os critérios utilizados para a seleção foram dois: ter domínio básico da tecnologia digital; ter ao menos uma conta em uma rede social (exemplo: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* etc.).

Conforme observado na parte teórica do trabalho, deve-se destacar que a modalidade EaD, apesar de apresentar diversos benefícios enquanto instrumento de ensino e aprendizagem, principalmente no que se diz respeito à sua capacidade de reduzir as barreiras de tempo e espaço presentes nas modalidades tradicionais de ensino, exige que os alunos dominem minimamente também a tecnologia em que o curso é realizado.

Assim, torna-se necessário destacar que as respostas aos questionários não devem ser consideradas um retrato ou uma amostragem da opinião da população idosa geral, mas sim apenas a opinião de uma parcela específica e, neste caso, mais abastada (considerando-se oportunidades de aprendizagem, visto que, conforme conversa realizada pelos pesquisadores com os participantes da pesquisa, todos eles eram formados e aposentados por tempo de trabalho, com profissão de destaque no meio social – ex.: arquitetos, professores, advogados, empresários etc.), uma vez que uma parcela significativa da população idosa no Brasil não teve a oportunidade de estudar e de aprender a lidar com as novas tecnologias³. Tal afirmação é evidenciada, por exemplo, a partir das perguntas de número 3 e 4: “Você domina alguma língua estrangeira?”, que recebeu uma resposta afirmativa de 60% dos participantes; e “Em quais locais você entra mais em contato com uma língua estrangeira?”, que os participantes dividiram (50% e 50%, respectivamente), nas respostas “viagens” e “equipamentos eletrônicos”, sendo que a pergunta apresentava um leque maior de opções de escolhas. O fato de serem idosos que estão participando de cursos de línguas estrangeiras já demonstra que são pessoas que não se deixaram intimidar por conta da idade.

Contudo, vale salientar que, ainda que os participantes que fizeram parte desta pesquisa representem uma pequena porcentagem em relação à quantidade de idosos a nível Brasil, não se pode diminuir a importância deste estudo. A inserção desta parcela da população em ambientes

³ Veja-se, por exemplo, as informações de Gama e Madeiro (2018), baseadas nos dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio, que apontou que, no Brasil, há 11,5 milhões de analfabetos, sendo que, no Nordeste, o percentual eleva-se para 38%.

virtuais é gradual, porém, é constante. Assim, não descartamos a importância da continuidade de existência dos ambientes convencionais. Sugere-se a coexistência das modalidades com o intuito de empoderar o maior número possível de pessoas.

Assim, aplicou-se o questionário *online* de forma dirigida. Ou seja, o *link* foi enviado e respondido por 10 idosos da região Oeste do Paraná, todos escolarizados e dominantes das tecnologias digitais. Em relação às perguntas, encontram-se questões objetivas (algumas com uma única opção e outras de múltipla escolha) e subjetivas, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa (*online*)

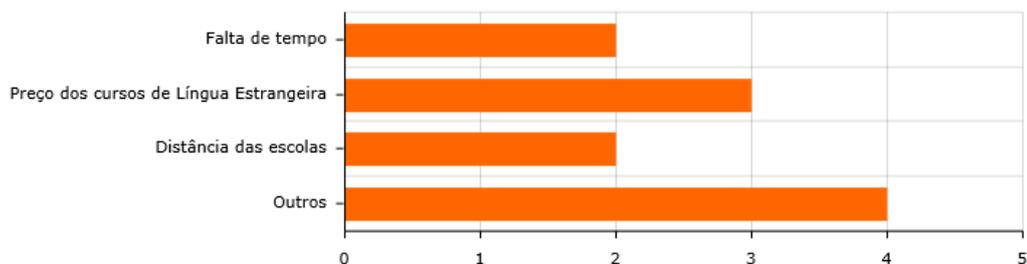
1) Você considera importante conhecer uma língua estrangeira? () SIM () NÃO
2) O ensino de Língua Estrangeira pode empoderar aqueles que recebem este conhecimento? () SIM () NÃO
3) Você domina alguma língua estrangeira? () SIM () NÃO
4) Em quais locais você entra mais em contato com uma língua estrangeira? () músicas e filmes () viagens () livros () manuais técnicos () equipamentos eletrônicos
5) Você acredita que se dominasse uma nova língua estrangeira conseguiria interagir melhor com a sociedade? () SIM () NÃO
6) Quais são os principais motivos por você não estudar uma nova língua? (nesta questão você poderá selecionar mais de uma opção) () Falta de tempo () Preço dos cursos de Língua Estrangeira () Distância das escolas () Falta de interesse () Outros
7) Se você pudesse estudar inglês em casa, e sem pagar nada por isso, você estudaria? () SIM () NÃO
8) O que você acredita que mudaria na sua vida se você aprendesse uma língua estrangeira? (pergunta aberta)

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à primeira pergunta, “Você considera importante conhecer uma língua estrangeira?”, todos os participantes da pesquisa escolheram a opção “sim”. A segunda pergunta, “O ensino de Língua Estrangeira pode empoderar aqueles que recebem este conhecimento?”, também foi aprovada por todos os participantes da pesquisa. Outra pergunta que também recebeu aprovação majoritária foi a pergunta nº 5, “Você acredita que se dominasse uma nova língua estrangeira conseguiria interagir melhor com a sociedade?”. As respostas positivas às perguntas apresentadas acima demonstram que a percepção dos idosos em relação a línguas estrangeiras converge com reflexões teóricas de pesquisadores como Soares, Lombardi e Salgado (2016) e Anjos (2016), conforme discutido nos capítulos teóricos deste artigo.

A pergunta nº 6 retrata os principais motivos de os alunos não estudarem uma nova língua no momento da pesquisa:

Gráfico 2 – Quais são os principais motivos para os participantes da pesquisa não estudarem uma nova língua

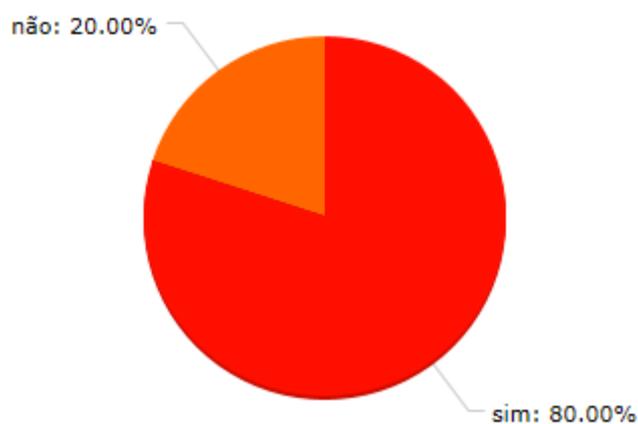


Fonte: Elaborado pelos autores

A partir da observação do gráfico, destaca-se que a modalidade EaD poderia auxiliar tanto os idosos que não fazem o curso devido à falta de tempo, uma vez que a modalidade possibilita que estes organizem o estudo a partir das possibilidades dos próprios alunos; quanto os que responderam “distância das escolas”, considerando que podem estudar em casa. Além disso, considerando que cursos de língua inglesa EaD poderiam serem desenvolvidos dentro das Universidades Públicas, destaca-se que a modalidade seria eficaz também à parcela da população que mencionou não estudar devido ao preço dos cursos particulares.

A pergunta de número 7, “Se você pudesse estudar inglês em casa, e sem pagar nada por isso, você estudaria?”, comprova a hipótese da necessidade de existência de cursos de língua estrangeira serem oferecidos de forma gratuita por meio da modalidade EaD:

Gráfico 3 – Se você pudesse estudar inglês em casa, e sem pagar nada por isso, você estudaria?



Fonte: Elaborado pelos autores

Já a questão de número 8, “O que você acredita que mudaria na sua vida se você aprendesse uma língua estrangeira?”, foi aberta. Observemos as respostas de alguns participantes da pesquisa:

R1: Novas oportunidades, tanto de trabalho quanto profissional.

R2: Quanto mais conhecimento mais sucesso terei.

R3: Melhora autoestima, amizades, e o conhecimento, costumes diferentes, entre outros!!!

R4: Oportunidades em várias áreas, como no trabalho, nos estudos entre outros.

R5: Eu não precisaria pedir ajuda aos meus netos com os equipamentos.

Analisando qualitativamente as respostas acima, de um modo geral, observa-se que a aprendizagem de uma nova língua, independentemente da modalidade, possibilita que seus alunos sejam empoderados em várias esferas e vão ao encontro, por exemplo, das recomendações do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) e das reflexões de Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2016), conforme discutido na parte teórica desta pesquisa.

Entre os teóricos consultados, Castro (2016) aponta a necessidade da geração de maiores níveis de participação das pessoas idosas na sociedade e, ao analisarmos as respostas, verificamos que alguns dos idosos (já aposentados) procuram cursos de Língua Estrangeira com o intuito de se manterem ativos na sociedade, ao buscarem novas oportunidades profissionais e de estudo. Considerando-se especificamente a população idosa que respondeu ao questionário, destaca-se que este empoderamento ocorre nas esferas profissional, intelectual e, inclusive, emocional, na medida em que possibilita autoestima e emancipação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho evidencia a importância de dois eixos: o primeiro, o da aprendizagem da língua inglesa, uma vez que promove o empoderamento de seus alunos; e o segundo, a modalidade de ensino e aprendizagem EaD, na medida em que possibilita uma maior democratização de diversos conhecimentos favorecidos pela EaD, como, por exemplo, o abordado neste artigo.

Em relação a problemática inicial, “Como o ensino de língua inglesa na modalidade EaD pode contribuir para o empoderamento na terceira idade?”, a aplicação do questionário *online* constatou, conforme verificamos na seção de análise, que ocorre nas esferas profissional, intelectual e, inclusive, emocional.

Porém, cabe salientar que ainda o processo de democratização ao acesso do conhecimento *online*, por meio da EaD, está em processo de expansão. Alguns cursos de língua inglesa, a distância, foram desenvolvidos para isolar a população idosa, visto que o processo de mediação é totalmente

diferente, se considerarmos pessoas com faixas etárias distintas, que já nasceram em um período em que o contato com a tecnologia seria mais comum. Os objetos desta pesquisa eram pessoas que já tinham experiências básicas de manuseio com ferramentas e aplicativos digitais, considerando principalmente a sua formação e as oportunidades que tiveram ao longo da sua vivência e por isso aceitaram participar do estudo.

Entretanto, algumas pessoas não quiseram aceitar participar da pesquisa por não dominarem as tecnologias digitais, distanciando-se das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) que estão presentes a todo momento na sociedade. Proporcionar cursos de língua estrangeira a distância, especialmente a língua inglesa, voltados especificadamente para a população idosa, contribui para que as pessoas que estão nessa fase não se sintam deslocadas em relação aos demais.

5 REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. S. Envelhecimento ativo e vida social precária: exclusão ou paradoxo do nosso tempo? CURY, M. J.; OLIVEIRA, R. C. S.; COENGA, R. E. (Org.). **As interfaces da velhice na pós-modernidade: avanços e desafios na conquista da qualidade de vida**. Coleção Graduação. Cascavel: Edunioeste, 2013.

ANJOS, F. A. O inglês como língua franca global da contemporaneidade: em defesa de uma pedagogia pela sua desestrangeirização e descolonização. **Revista Letra Capital**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2016, p. 95-117.

BERQUÓ, E.; CAVENAGHI, S. Fecundidade em declínio: Breve nota sobre a redução no número médio de filhos por mulher no Brasil. *Novos estud.* **CEBRAP**, São Paulo, n. 74, mar. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000100001>>. Acesso em: 26 maio 2018.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm#art37>. Acesso em: 21 maio 2018.

BRASIL. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1º out. 2003.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice: Global English and Cosmopolitan Relations**. New York: Routledge, 2013.

CASTRO, J. L. La participación social de las personas mayores em los ámbitos sociocultural, artístico y educativo. OLIVEIRA, R. C. S.; SCORTEGAGNA, P. A.; CURY, M. J. F. (Org.). **A velhice e o envelhecimento no contexto ibero-americano**. Coleção Extensão. Cascavel: Edunioeste, 2016.

EXAME. **95% da população brasileira não fala inglês.** 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/95-da-populacao-brasileira-nao-fala-ingles/>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

GAMA, A.; MADEIRO, C. **País tem 11,5 milhões de analfabetos; no Nordeste, 38% dos idosos não leem.** Educação UOL. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/05/18/pais-tem-115-milhoes-de-analfabetos-diferenca-racial-se-mantem.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação.** 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. **Linguística e cognição.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

MOITA-LOPES, L. P. Como e por que teorizar o Português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de Globalização Cultural. MOITA-LOPES, L. P. **Português no século XXI: cenário político e sociolinguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOLIN, B. H. D. **Formação continuada de professores:** o emprego da tecnologia digital nos processos de educação à distância para a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. COSTA-HÜBES, T. C.; MOLIN, B. H. D. Formação continuada em ação: da base teórica ao domínio tecnológico. Cascavel: Edunioeste, 2012. p. 210-223.

MORAES, E. Análise - Língua, ideologia e empoderamento. **O Estado de S. Paulo.** 05 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,analise---lingua--ideologia-e-empoderamento,10000049395>> Acesso em 25 mai. 2018.

OLIVEIRA, R. C. S.; SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, F. S. Universidades abertas à terceira idade: um caminho possível para a educação do idoso. OLIVEIRA, R. C. S.; SCORTEGAGNA, P. A.; CURY, M. J. F. (org.). **A velhice e o envelhecimento no contexto ibero-americano.** Coleção Extensão. Cascavel: Edunioeste, 2016.

ONLINE PESQUISAS. **Online Pesquisas.** 2018. Disponível em: <<https://www.onlinepesquisa.com>> Acesso em: 20 jun. 2018.

SOARES, M. S.; LOMBARDI, R. S.; SALGADO, A. C. P. Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva. **Calidoscópio.** v. 14, n. 2, p. 209-218, maio/ago., 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2005.

TERRA. **Número de idosos no Brasil cresceu 50% em uma década, segundo IBGE.** 4 set. 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/numero-de-idosos-no-brasil-cresceu-50-em-uma-decada-segundo-ibge,6427cac70c638ddd25efe9c43fb7d977r5spkpo1.html>>. Acesso em: 20 maio 2018.

VERAS, R. P.; RAMOS, L. R.; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. In: **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 225-233, 1987. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v21n3/07.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

VERGARA, S. C. Estreitando relacionamentos na educação a distância. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 5, n. esp., jan. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512007000500010>>. Acesso em: 21 maio 2018.

Title

Empowerment of Elderly People who Study by Distance Education: English language teaching.

Abstract

This study takes into account that confluence among technology, education and English Language can assure the empowerment of elderly people in a more democratic and fast way, considering advantages to knock down barriers of time and space, which are peculiar to Distance Education. The first issue is: how can Distance English Language teaching contribute to the elderly empowerment? Thus, in the first part, this proposition applies the bibliographic research method as a methodological strategy to answer this question as well as to reflect on how English Language in Distance Education modality is relevant to empower elderly people. Based on theoretical contributions, during the second phase, an online questionnaire was applied to a group of ten elderly people, participants of Extension courses in Foreign Languages at the Western Paraná State University (UNIOESTE). They accepted willingly to answer the questionnaire and check if there is any interest or resistance at their age to learn a foreign language based on this learning platform. The applied criteria were: elderly people should know how to master digital technology and have some social network registration. The questionnaire results reflect on how this group perceives DE platform as a language learning tool.

Keywords

Distance Education; Elderly people; Empowerment.

Recebido em: 05/12/2018.

Aceito em: 30/12/2018.